



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

QUEM SÃO OS MAIS PRECONCEITUOSOS EM RELAÇÃO À IDADE E OS MAIS SÓS: JOVENS, ADULTOS OU IDOSOS? INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE

Ana Veríssimo Ferreira

ana@jaf.pt

Escola Superior de Educação de Lisboa
Bolseira da FCT - SFRH/BPD/34963/2007

Félix Neto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Fecha de recepción: 6 de septiembre de 2012

Fecha de admisión: 17 de noviembre de 2012

RESUMO

Sendo 2012 o ano europeu da solidariedade intergeracional e envelhecimento ativo, parece pertinente analisar a forma como o idadismo e a solidão se revela na população portuguesa de diferentes idades. Este estudo analisa a influência da religiosidade, no preconceito em relação à idade e na solidão em 822 portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 90 anos, sendo medida a religiosidade (atitudes, orientação e bem-estar espiritual), o idadismo e a solidão. A religiosidade inclui comportamentos, atitudes, valores, crenças e experiências e refere-se ao grau de ligação ou aceitação que cada indivíduo tem face à instituição religiosa. O envolvimento religioso organizacional refere-se aos comportamentos que ocorrem num contexto de igreja, mesquita como a frequência da igreja e a participação em grupos de auxílio. A participação não organizacional refere-se aos comportamentos que ocorrem fora das instituições religiosas, rezar em privado, leitura de livros e revistas religiosas, ouvir programas religiosos na rádio e ver programas de televisão. O idadismo é a manifestação de atitudes negativas, preconceito e discriminação em relação às pessoas idosas e a solidão é uma experiência desagradável, geralmente ocasional, determinada por diferentes situações. Universal e subjetiva, é uma experiência influenciada pela história sócio-cultural dos indivíduos. Conclui-se neste estudo que os idosos são o grupo (idosos, adultos, jovens adultos e adolescentes) que manifesta ter mais preconceitos em relação à idade, seguidos dos adultos, sendo os adolescentes e os jovens os menos preconceituosos. Os idosos são os que sentem mais solidão, seguidos dos adultos e por fim os adolescentes e os jovens adultos. A religiosidade influencia tanto o preconceito como a solidão: os que sentem maior bem-estar religioso são menos preconceitu-



QUEM SÃO OS MAIS PRECONCEITUOSOS EM RELAÇÃO À IDADE E OS MAIS SÓS: JOVENS, ADULTOS OU IDOSOS? INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE

sos em relação aos idosos e sentem menos solidão. Os idosos têm maior religiosidade (intrínseca, organizacional e não organizacional) do que os jovens.

PALAVRAS-CHAVE

Idosos, religiosidade, idadismo, solidão

INTRODUÇÃO

Os termos religião e religiosidade são usados quase indiferentemente em alguns estudos, não existindo consenso sobre os diversos conceitos e definições de religiosidade de um indivíduo, referindo-se frequentemente ao grau de ligação ou aceitação que cada indivíduo tem face à instituição religiosa – frequência da igreja, participação nas actividades e o grau de aceitação dos líderes da igreja (Alston, 1975) e à forma como põe em prática as crenças e rituais de uma igreja ou organização religiosa (Shafranske e Malony, 1990). A interacção entre o plano institucional e o plano individual é inevitável, tornando-os partes do fenómeno religioso, que se articula com a complexidade que existe na fé pessoal, tendo em atenção as diferentes formas de inclinação religiosa, as discussões e tentativas de saber as crenças, experiências e comportamentos religiosos.

Taylor, Mattis, e Chatters (1999) conceptualizaram um modelo tridimensional do envolvimento religioso: organizacional, não-organizacional e religiosidade subjectiva. O envolvimento religioso organizacional refere-se aos comportamentos que ocorrem num contexto de igreja, mesquita ou outros comportamentos como a frequência da igreja e a participação em grupos de auxílio. A participação não-organizacional refere-se aos comportamentos que ocorrem fora das instituições religiosas, rezar em privado, leitura de livros e revistas religiosas, ouvir programas religiosos na rádio e ver programas de televisão. O envolvimento religioso classificado como religião subjectiva tem a ver com as percepções e atitudes face à religião. De acordo com Neto e Barros (2003) o isolamento social, os baixos níveis de apoio social, uma menor participação em acontecimentos sociais e organizações e menos tempo passado com os amigos e com a família são alguns dos factores que se encontram associados à solidão.

A solidão é tipicamente definida como uma experiência desagradável que ocorre quando as redes sociais e as relações são deficientes de alguma forma, tanto em qualidade como em quantidade, e quando as pessoas não estão satisfeitas com essas relações. "O âmago da solidão é a insatisfação em relação ao nosso relacionamento social" (Neto, 1992, p.17). O sentimento de solidão é geralmente ocasional, determinado por diferentes situações e com tendência a ser de pouco tempo. No entanto, há pessoas que sentem solidão com frequência e passa a ser um traço da sua personalidade.

Paloutzian e Ellison (1979) num estudo realizado com estudantes universitários, encontraram várias estratégias de confronto com a solidão entre as quais constam as respostas religiosas, nomeadamente o rezar e a leitura da Bíblia. Johnson e Mullins (1989) referem que muitos estudos confirmam a existência de correlações positivas entre variáveis religiosas como a frequência de serviços da igreja, as crenças, o rezar e o suporte social da igreja com o combate à depressão e solidão.

Uma das áreas da psicologia da religião que tem gerado grande interesse, pesquisa e controvérsia é a relação entre a religião e o preconceito. Muito se poderá dizer numa análise histórica sobre estes dois conceitos sendo importante referenciar a importância das últimas décadas na visualização de muitos problemas mundiais relacionados com fundamentalismo religioso e autoritarismo.

Existem diferentes tipos de preconceito e a discriminação que têm sido estudadas ao longo dos tempos. Para além do racismo e do sexismo, o idadismo tem surgido nas nossas sociedades atuais a par do estudo do envelhecimento da população e da necessidade de se encontrarem respostas sociais que assegurem o mínimo de bem-estar face ao aumento da esperança de vida. "Os estereótipos etários são sistemas de crenças que se atribuem a membros de grupos de diferentes idades simplesmente pelo facto de pertença a esses grupos. (Neto, 2004, p.284)



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

Allport (1954) que estudou diversos anos o preconceito considerou que o efeito da religião no preconceito é paradoxal, tanto cria como evita o preconceito (Hood et al. 1996). Alguns estudos referem que vários aspectos da religiosidade podem aumentar o preconceito, o que de acordo com as teorias defendidas de “amemo-nos uns aos outros” seria de esperar que a tendência fosse para diminuir o preconceito entre os membros da igreja. Usando uma variedade de medidas de devoção - afiliação religiosa, frequência de igreja, ortodoxia doutrinal, e outras - os investigadores encontraram consistentes correlações positivas com etnocentrismo, autoritarismo, dogmatismo, distância social, rigidez, intolerância e formas específicas de preconceito, especialmente contra os judeus e negros (Wulff, 1991).

O preconceito em relação à idade coloca-se em termos individuais e institucionais, sendo esta uma forma mais abrangente para a qual é urgente definir um plano de ação mais eficaz. “O modo como os jovens e os adultos percebem os idosos pode variar segundo as sociedades em virtude de variáveis tais como as tradições, estrutura familiar, grau de contacto íntimo com os idosos e modernização” (Neto, 2004, p. 285)

O idadismo é o preconceito e a discriminação em relação a qualquer grupo etário, tendo sido estudados por Neto (1993, 2000, 2004) como um “sistema de crenças que atribuem a membros de grupos de diferentes idades simplesmente pelo facto de pertença a esses grupos” (Neto, 2004, p.284).

Este estudo pretende analisar a influência da religiosidade (organizacional e não organizacional, as atitudes face ao cristianismo, a orientação intrínseca e o bem-estar espiritual) no preconceito / discriminação em relação à idade e na solidão em quatro grupos de portugueses de diferentes idades. Considera-se, à partida que podem existir diferenças na manifestação de preconceito de acordo com o género e as idades dos inquiridos e que a solidão aumenta com a idade. Espera-se que, quem frequenta mais a igreja, reza mais, tenha atitudes mais favoráveis ao cristianismo e maior nível de religiosidade intrínseca, seja menos preconceituoso e sinta menos solidão.

O ESTUDO

A amostra é constituída por 822 portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 90 anos, com uma idade média de 36 anos (DP=21,4) e estão distribuídos por 4 grupos de idade: 225 adolescentes, entre os 12 e os 18 anos, 209 jovens adultos entre os 19 e os 29 anos, 201 adultos com idades compreendidas entre os 30 e os 59 anos e 187 idosos com idades entre os 60 e os 90 anos. 546 são do sexo feminino e 276 são do sexo masculino.

Quadro 1 – Caracterização da amostra em relação ao sexo, idade e percepção do estado de saúde

	Sexo		Grupo de idade			
	Masculino	Feminino	Adolescentes	Jovens adultos	Adultos	Idosos
N	276	546	225	209	201	187
%	33,6	66,4	27,4	25,4	24,5	22,7

	Percepção do Estado de saúde			
	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau
N	248	379	184	11
%	30,2	46,1	22,4	1,3



QUEM SÃO OS MAIS PRECONCEITUOSOS EM RELAÇÃO À IDADE E OS MAIS SÓS: JOVENS, ADULTOS OU IDOSOS? INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE

A maioria dos portugueses inquiridos considera o seu estado de saúde bom ou muito bom (76,3%), 22,4% razoável e só 1,3% considera que é mau.

Analisando a amostra em relação e prática religiosa à religião, 708 são católicos e 114 dizem não ter religião. 268 são crentes praticantes, 384 crentes não praticantes e 170 referem não ser crentes nem praticantes.

Quadro 2 – Caracterização da amostra em relação à religião e prática religiosa,

	Religião		Prática Religiosa		
	Católicos	Nenhuma	Crente Praticante	Crente Não Praticante	Nem Crente Nem Praticante
N	708	114	268	384	170
%	86,1	13,9	32,6	46,7	20,7

De acordo com os dados apresentados a maioria dos inquiridos são católicos (86,1%) assumem-se como crentes (79,3%), embora haja 46,7% que dizem não praticar.

Foram utilizados diversos instrumentos de recolha de dados (que se apresentam de forma sucinta de seguida) tanto no que se refere às medidas de religiosidade (atitudes face ao cristianismo, religiosidade organizacional, não organizacional, intrínseca e bem-estar espiritual) como às medidas psicológicas (idadismo e solidão). Os questionários foram aplicados na região centro do país (distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal) e foram preenchidos em regime de voluntariado, sendo a confidencialidade e o anonimato assegurados. Os dados foram recolhidos entre 2008 e 2011 e tratados no programa estatístico spss.

Apresentam-se os instrumentos de recolha de dados utilizados:

Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002)

A Escala de Atitudes face ao Cristianismo foi originalmente aplicada por Francis, 1978 e por Francis e Stubb, 1987 (Attitude Toward Christianity Scale) e foca unicamente a percepção das pessoas sobre a religião cristã. Referências a Jesus, à Bíblia e a rezar são usadas para medir o interesse pela religião. A Escala de Atitudes face ao Cristianismo é uma escala do tipo Lickert composta por 24 itens, uns de orientação positiva (itens 2, 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 23) e outros de orientação negativa (itens 1, 5, 7, 8, 16, 18, 20 e 24) e foca temas que se relacionam com os cinco componentes da fé cristã: Deus (itens 9,10,11,12,17,19,21, 23 e 24) , Jesus (itens 2, 6, 14, 18 e 22), Bíblia (itens 1 e 16), Rezar/Oração (itens 3, 8, 13, 15 e 20) e Igreja (itens 4, 5 e 7). A escala é composta por 5 hipóteses de resposta para cada item (concordo plenamente, concordo, indeciso, discordo, discordo totalmente).

Escala de Religiosidade de Duke (Koenig, Patterson e Meador, 1997)

A Duke Religion Index (Koenig, Patterson, e Meador, 1997) mede três das maiores dimensões da religiosidade: a dimensão organizacional, a não organizacional e a religiosidade intrínseca. A escala é composta por 5 itens, sendo o primeiro sobre a religiosidade organizacional (frequência da igreja ou outros serviços religiosos), com 6 hipóteses de resposta (1- mais de uma vez por semana a 6 – nunca), a segunda sobre a religiosidade não organizacional (actividades religiosas privadas como rezar, meditar ou estudo da Bíblia), com 6 hipóteses de resposta (1 – mais de 1 vez por dia a 6 – nunca) e os 3 últimos itens referentes à dimensão intrínseca da religiosidade (experiência e crença religiosa), com 5 hipóteses de resposta (1 – totalmente verdade a 6 – não é verdade).

Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982, Ferreira, 2006)



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

A Escala do Bem-Estar Espiritual foi desenvolvida como uma medida geral da qualidade subjetiva de vida, sendo vista como holística. É uma medida psicológica global sobre a percepção do Bem-Estar espiritual. Foi desenvolvida por Paloutzian e Ellison em 1982 e por Ellison em 1983. A escala foi concebida para medir nas pessoas o seu bem-estar espiritual global, sendo percebida por eles como uma sensação de bem-estar religioso e de bem-estar existencial. Na elaboração da escala foram consideradas e incluídas tanto a dimensão religiosa como a psicossocial. Na dimensão religiosa é focada a forma como cada um percebe o bem-estar na sua vida espiritual e como se expressa em relação a Deus e na dimensão psicossocial refere-se a como a pessoa está adaptada ao seu auto-conceito, à comunidade e ao que o rodeia. Esta componente envolve os propósitos de vida, a satisfação com a vida e as experiências positivas e negativas.

Com base nestes conceitos foi construída a escala do Bem-Estar Espiritual com 20 itens, que está dividida em duas sub-escalas – o Bem-Estar Religioso e o Bem-Estar Existencial, cada uma com 10 itens. A escala tem 6 hipóteses de resposta variando do 1 – discordo fortemente, ao 6 – concordo fortemente. Em cada sub-escala os escores podem variar do 10 ao 60, sendo que na escala total os escores podem variar do 20 ao 120.

Escala de Solidão (Russell, Peplau, Ferguson, 1978; Neto, 1989)

A escala de solidão da UCLA (“University of California at Los Angeles”), foi estruturada e testada originalmente por Russel, Peplau e Ferguson, 1978; Russel, Peplau e Cutrona, 1980. Em Portugal foi validada por Neto em 1989.

Existem diversas abordagens teóricas da solidão, sendo perspectivas ligadas ao trabalho clínico, à análise social e à investigação que focam a natureza do fenómeno e as suas causas. De acordo com Neto (1992, p.21) Os autores vêem normalmente a solidão como uma experiência desagradável”, sendo experienciada por “uma vasta camada da população”.

Têm sido utilizados diversos instrumentos para avaliar a solidão – uns fazendo uma abordagem unidimensional – “a solidão é encarada como um fenómeno unitário que varia sobretudo na intensidade experienciada”; e outras fazendo uma abordagem multidimensional – “considera a solidão um fenómeno multifacetado que não pode ser apreendido só por uma medida global de solidão” (Neto, 1992, p.22). A Escala de Solidão da UCLA é uma abordagem unidimensional da solidão como estado psicológico. A escala é constituída por 18 itens de escolha múltipla de quatro hipóteses de resposta (1-nunca, 2-raramente, 3-algumas vezes e 4-muitas vezes), variando entre um mínimo de 18 e um máximo de 72.

Escala de Idadismo (Fraboni, 1990, Neto, 2004)

O termo idadismo foi inicialmente usado para descrever o preconceito e a discriminação perante pessoas idosas (Butler, 1969). A escala original – Fraboni Scale of Ageism (Fraboni, Salstone, e Hughes, 1990) era composta por 29 itens que analisam as componentes cognitiva e afectiva do idadismo. A adaptação portuguesa é composta por 25 itens (Neto, 2004). As hipóteses de resposta apresentam-se numa escala de Lickert de 7 pontos (1 – fortemente em desacordo e 7 – fortemente de acordo), num mínimo de 25 e num máximo de 175.

RESULTADOS

Foi analisada a consistência interna das escalas que constam do instrumento de recolha de dados, tendo apresentado, na generalidade e para esta amostra de população portuguesa uma boa consistência interna:

Escala de Atitudes face ao Cristianismo (Francis, 1978, Ferreira e Neto, 2002)

Alfa de Cronbach = 0,96

Escala de Orientação Religiosa (Koenig, Patterson e Meador, 1997)

Alfa de Cronbach = 0,84 – Orientação Intrínseca



QUEM SÃO OS MAIS PRECONCEITUOSOS EM RELAÇÃO À IDADE E OS MAIS SÓS: JOVENS, ADULTOS OU IDOSOS? INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE

Escala do Bem-Estar Espiritual (Paloutzian e Ellison, 1982)

Alfa de Cronbach: 0,91 – Bem-Estar Religioso e 0,73 – Bem-Estar Existencial

Escala de Solidão (Russell, D.; Peplau, L.; Ferguson, M., 1978; Neto, 1989)

Alfa de Cronbach = 0,86

Escala do Idadismo (Fraboni, 1990, Neto, 2004)

Alfa de Cronbach = 0,88

Foi verificada a influência do género e da idade. O género influencia a solidão ($F(1,821) = 9,156$; $p = 0,03$) e também influencia o idadismo ($F(1,821) = 8,726$; $p = 0,03$).

A idade (neste estudo apresentada em 4 grupos de idade - adolescentes: 12-18 anos, jovens adultos: 19-29 anos, adultos: 30-59 anos e idosos: 60-90 anos) influencia todas as medidas em estudo, tanto as religiosas como a solidão ($F(3,818) = 295,938$; $p < 0,001$) e o idadismo ($F(3,818) = 78,645$; $p < 0,001$).

Quadro 3 – Médias de resposta por grupos de idade

Medidas	Solidão	Idadismo
Grupos de idade		
Adolescentes	35,06	85,58
Jovens adultos	33,20	69,03
Adultos	48,13	87,15
Idosos	49,04	98,22

Considerando os scores mínimos e máximos da escala, percebemos que jovens adultos e adolescentes têm um nível de solidão inferior à média da escala, tendo os adultos e os idosos um nível de solidão superior à média. Em relação ao idadismo, os jovens adultos são os menos preconceituosos e encontram-se abaixo da média, adolescentes e adultos estão muito próximo da média da escala, encontrando-se os idosos com níveis acima da média da escala do idadismo.

Ser católico ou não ter religião, ser crente ou não crente, praticante ou não praticante não influenciou significativamente a solidão e o preconceito em relação aos idosos neste grupo de portugueses.

Foram, de seguidas analisadas as relações existentes entre as medidas religiosas e a solidão e o idadismo.

Quadro 4 - Correlações entre as medidas psicológicas e as medidas de religiosidade

Medidas	Solidão	Idadismo
Atitudes face ao Cristianismo	0,027	0,005
Religiosidade Organizacional	-0,122**	-0,004
Religiosidade Não Organizacional	-0,171**	-0,024
Religiosidade Intrínseca	-0,073*	0,015
Bem-estar Religioso	-0,089*	-0,048
Bem-estar existencial	-0,499**	-0,264**

** correlações significativas a $p < .01$

* correlações significativas a $p < .05$



ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL

Face aos resultados apresentados podemos concluir que todas as medidas religiosas (à exceção das atitudes face ao cristianismo) se correlacionam negativamente com a solidão. As medidas religiosas não parecem influenciar o idadismo.

O bem-estar existencial tem as correlações mais significativas, quanto maior bem-estar sentem as pessoas, menos solidão sentem e menos discriminatórias são em relação aos idosos.

CONCLUSÕES

Neste estudo, como em anteriores realizados por nós (Ferreira e Neto, 2002, 2012) as portuguesas (jovens, adultas e idosas) têm atitudes mais favoráveis ao Cristianismo, frequentam mais a igreja e rezam mais e têm maior bem estar religioso e existencial do que os rapazes e os homens.

Os portugueses mais intrínsecos, que frequentam mais a igreja ou outros locais religiosos, rezam ou meditam mais e sentem maior bem-estar espiritual (religioso e existencial) sentem menos solidão.

Neste estudo os jovens são menos preconceituosos em relação aos idosos do que os próprios idosos levando a considerar “o facto de os sujeitos se olharem a eles próprios no futuro pode influenciar os estereótipos etários, as atitudes que revelam sobre o envelhecimento.” (Neto, 2004, p. 285)

Os idosos são os que se sentem mais sós e são os mais discriminatórios, seguidos dos adultos, havendo diferenças significativas entre estes dois grupos e os dos adolescentes e jovens que sentem menos solidão e são menos preconceituosos. Os rapazes e os homens sentem mais solidão e são mais preconceituosos em relação aos idosos do que as raparigas e as mulheres.

As consequências do acentuado processo de envelhecimento demográfico arrasta alguns problemas sociais e relacionais causados pela cada vez maior “dependência dos idosos, do envelhecimento da população idosa e do envelhecimento da população ativa”, podendo aumentar a discriminação em relação aos idosos e “a conflitualidade social, a produtividade do trabalho e a sustentabilidade dos mecanismos estatais e intrafamiliares de solidariedade intergeracional.” (Abreu e Peixoto, 2009, p.744).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, A.; Peixoto, J. (2009). Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: tendências, políticas e prospectiva no caso português. Lisboa: vol. XLIV (193), 719-746.
- Allport, G. W., e Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 447-457.
- Allport, G., 1954. *The nature of Prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley.
- Altemeyer, B., e Hunsberger, B. (1992). Authoritarianism, religious fundamentalism, quest and prejudice. *International Journal for the Psychology of Religion*, 2, 113-133.
- Argyle, M. (2005). *Psychology and Religion. An Introduction*. London: Routledge, 3ª ed. (1ª ed., 2000 by Routledge).
- Barros, J. H. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Batson, C. D., Schoenrade, P. A., e Ventis, W. L. (1993). *Religion and the individual: A social-psychological perspective*. New York: Oxford University Press.
- Cook, S. W., Borman, P. D., Moore, M. A., e Kunkel, M. A. (2000). College student's perceptions of spiritual people and religious people. *Journal of Psychology and Theology*, 28, 125.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Ferreira A.V., e Neto, F. (2002b). Dois tipos de internalização religiosa: introjecção e identificação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 6, 2, 321-334.
- Ferreira, A. V. (2006). *Religiosidade em alunos e professores portugueses. Tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta (policopiado).
- Ferreira, A. V., e Neto, F. (2002a). Psychometric properties of the Francis Scale of Attitude towards Christianity. *Psychological Reports*, 91, 995-998.



QUEM SÃO OS MAIS PRECONCEITUOSOS EM RELAÇÃO À IDADE E OS MAIS SÓS: JOVENS, ADULTOS OU IDOSOS? INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE

- Ferreira, A. V., Pinto, M. C., e Neto, F. (2012). Religiosidade e Solidão em estudantes portugueses, moçambicanos, angolanos e brasileiros. in Pereira, G., e Pereira, J. (org) Migração e Globalização: um olhar interdisciplinar, Ed. CRV, Brasil: Curitiba, pp. 209 - 222) ISBN 978-85-8042-294-8.
- Fraboni, M., Saltstone, R., Hughes, S. (1990). The Fraboni Scale of Ageism (FSA): An
- Francis, L. J. (1978). Attitude and longitude: A study in measurement. *Character Potencial*, 8, 119-130.
- Francis, L. J. (1987). Measuring Attitudes towards Christianity among 12-18 year old pupils in Catholic schools. *Educational Research*, 29, 230-233.
- Francis, L. J., e Stubbs, M. T. (1987). Measuring attitudes towards Christianity: from childhood into adulthood. *Personality and Individual Differences*, 8, 5, 741-743.
- Hill, P. C., e Hood, R. W. (1999). *Measures of Religiosity*. Birmingham, Alabama: Religious Education Press.
- Hood, Spilka, Hunsberger e Gorsuch (1996). *The Psychology of Religion – An Empirical Approach*. New York: The Guilford Press.
- Johnson, D. P., e Mullins, L. C. (1989). Subjective and social dimensions of religiosity and loneliness among the well elderly. *Review of Religious Research*, 31, 3-15.
- Koenig, H. G. (1995). Religion and health in later life. In M. A. Kimble, e S. H. McFadden, (Eds.), *Aging, spirituality, and religion: A handbook*. Minneapolis, MN: Fortress Press.
- Koenig, H. G., George, L. K., Meador, K. G. (1997). Religion Index for psychiatric research: A 5-item measure for use in health outcome studies. *American Journal of Psychiatry*, 154 (6), 885.
- Levin, J. S., e Chatters, L. M. (1998). Religion, health, and psychological well-being in the older adults: Findings from three national surveys. *Journal of Aging and and Health*, 10, 504-531.
- Neto, F. (1989). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.
- Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social I*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2000). *Psicologia Social II*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2004). Idadismo in Lima, M. E. e Pereira, M. E. (org.) *Estereótipos, preconceitos e discriminação – perspectivas teóricas e metodológicas*, pp. 279-231.
- Neto, F., e Ferreira, A.V. (2004). *Psicologia da religião*. In Félix Neto (coord). *Psicologia Social Aplicada*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 160-202.
- Paloutzian, R. F. e Ellison, C. W. (1982). Loneliness, spiritual well-being and quality of life. In Peplau e Peplau (Eds), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley Interscience, pp.224-237.
- Russell, D.; Peplau, L.; Cutrona, C. (1980). The Revised UCLA Loneliness Scale: concurrent and discriminate validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, v.39, p.472-480, 1980.
- Russell, D.; Peplau, L.; Ferguson, M. (1978). Developing a Measure of Loneliness. *Journal of Personality Assessment*, v.42, p.290-294,.
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII, 387 – 404.
- Slaughter-Defoe, D. T. (1995). Revisiting the concept of socialization: Caregiving and teaching in the 90s – a personal perspective. *American Psychologist*, 50, 276-286.
- Struening, E. I. (1963). Anti-democratic attitudes in a Midwest university. In H. H. Remmers (ed.), *Anti-democratic attitudes in American schools*, pp. 210-258. Evanston, Ill.: Northwestern University Press.
- Taylor, R. J., Mattis, J., e Chatters, L. M. (1999). Subjective religiosity among African Americans: A Synthesis of findings from five national samples. *Journal of Black Psychology*, 25, 524-543.
- Trimble, D. E. (1997). The religious orientation scale: Review and meta-analysis of social desirability effects. *Educational and Psychological Measurement*, 57, 970-986.